

OBRAS DE
MANUEL LARANJEIRA

VOLUME I



1958

OBRAS-PRIMAS DE AUTORES PORTUGUESES

OBRAS DE MANUEL LARANJEIRA

VOLUME I

...AMANHÃ.

ÀS FERAS

★ COMIGO E POEMAS DISPERSOS

DOR SURDA

★ DIÁRIO ÍNTIMO

CARTAS

Organização, Prefácio e Notas introdutórias:

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA



EDIÇÕES ASA



...AMANHÃ.
(PRÓLOGO DRAMÁTICO)

...Amanhã... peça que Manuel Laranjeira judiciosamente subintituiu "Prólogo dramático", foi escrita entre Dezembro de 1901 e Janeiro de 1902 (segundo a datação que o autor registou no final do texto).

Publicado na íntegra de seguida – Porto, Empresa Literária e Tipográfica, 1902 –, esse prólogo dramático antecipava o movimento do Teatro Livre, que só no final do ano começa a ganhar imagem pública (com a conferência "Teatro Livre & Arte Social" por Ernesto da Silva, seguida de outras por Teófilo Braga e Heliodoro Salgado) e só em 1904 vê a sua própria companhia representar dois espectáculos no Teatro do Príncipe Real, sob a direcção dos actores Luctano de Castro e Araújo Pereira. É justamente no programa do primeiro espectáculo, num dia (8 de Março de 1904) que se julgou marcante na história do teatro em Portugal, que se inseriu um fragmento de ...Amanhã. (as mais moderadas Cenas 2.ª, 3.ª e 4.ª).

Aliás, à sintonia da peça de Manuel Laranjeira com o espírito libertário begemónico no engagement dos cooperantes da Sociedades do Teatro Livre e da sua oposição radical às instituições demoliberais do establishment burguês e ao gradualismo republicano, corresponderão as mal veladas reservas da crítica.

Em 1908, no entanto, uma comemoração republicana do 1.º de Maio, no Teatro Águia de Ouro do Porto, incluírá nova representação das mesmas três Cenas leradas ao palco pelo Teatro Livre. Manuel Laranjeira não assiste à essa representação.

Em 1911, o Almanaque dos Palcos e Salas publica em Lisboa nova edição das primeiras cenas de ...Amanhã.

Só em 1959, ao ser contemplado por Luiz Francisco Rebello na antologia de Teatro Português – do Romantismo aos nossos dias, o texto de ...Amanhã. voltará aos prelos para mais acessível contacto com leitores.

Além das recensões na imprensa aquando da primeira representação (e em boa parte referenciadas na obra abaixo indicada de B. Martocq), pode-se ver sobre ...Amanhã.:

Luiz Francisco Rebello, Teatro Português – do Romantismo aos nossos dias, Lisboa, Círculo do Livro, s/d., pp. L-LII e 173-187.

Colin M. Pearson, "Manuel Laranjeira's Amanhã, social content and the proletariat", in *The Journal of the American Portuguese Society*, (New York), XI, 1, Winter 1977, pp. 41-48.

PERSONAGENS:

UM JORNALISTA DEMOCRATA.

UM OPERÁRIO,

UM VAGABUNDO, } IRMÃOS

LUIÇA,

UMA MULHER DO POVO, MÃE DESTES.

OPERÁRIO

Mudar de fato? Ora essa! Assim está bem. Eu acho.

JORNALISTA

Compreende; eu tenho de falar. Assim como estou não é decente

OPERÁRIO

Mados de ver. O senhor vai lá mostrar ideias e não a roupa – parece-me.

JORNALISTA

Sim... isso é verdade. No entanto ninguém me livrava da primeira impressão ser má. O público ainda aprecia as qualidades pela roupa que se veste. Oh! eu sei como estas coisas são! Tenho muita prática disto, muita!

OPERÁRIO

Sim... uma mão calejada do trabalho não é nobre como uma mão enluvada...
– E aí está o mal! Mas o senhor, que se diz um espírito esclarecido, ainda ceder a esses preconceitos – é o que me espanta.

JORNALISTA

Experiência da vida, meu caro, experiência da vida! Chame-lhe preconceito; eu chamo-lhe necessidade. Eu, que dentro dos princípios sou intransigente, vejo-me forçado a contemporizar com estas questões de detalhe. É preciso que tenhamos

o critério suficiente para ver a seguinte verdade: metade – ou mais – das pessoas, que vão a uma reunião de intuítos revolucionários, vão lá unicamente por diletantismo: para examinar como o orador se apresenta, como fala, se tem bela atitude, fogo no declamar...

OPERÁRIO

... e roupa limpa?

JORNALISTA

Oh! São terríveis! Espatifam muito boas e sólidas reputações. – Ora é preciso que o nosso senso prático veja isto, se não queremos ver afundar-se a nossa reputação, o orgulho da nossa vida...

OPERÁRIO

(com mordacidade amarga) – Não é verdade que é uma coisa triste e azeda sabermos que também há parasitas do Ideal?

JORNALISTA

Felizmente que no nosso partido não medra tal peste!

OPERÁRIO

(oscilando a cabeça) Oxalá!

JORNALISTA

(erguendo-se nos bicos das botas) O quê? Pois suspeita...? Oh! nem pense nisso sequer! Seria indigno! indigno! Dentro do nosso partido não há um único – nem um único sequer, entenda-o hem! – que não seja um convicto...

OPERÁRIO

(framente)... de quê?

JORNALISTA

(desconcertado) De quê? Ora essa! De quê? O sr. pergunta de quê? Pois de quê, senão de ideias avançadas... de democracia, de... de princípios liberais, de sentimentos de fraternidade? de... e de...

OPERÁRIO

... e de outras palavras, bem sei.

JORNALISTA

(pulando) Então o senhor acha que a democracia é apenas uma palavra?

OPERÁRIO

(franzindo o rosto num rictus de engulbo) A democracia... – hum – que nojo!

JORNALISTA

(tembaçado) Mas eu... positivamente não o entendo! Se me dissesse que era absolutista e católico e – eu sei lá o quê? – espantava-me menos... Realmente não vejo que razões o senhor tenha para embirar com a democracia.

OPERÁRIO

(com voz surda) Que razões tenho? É que a legião dos famintos cresce pavorosamente, cresce como uma onda que rola à praia; é que as bocas esfomeadas multiplicam-se como estrelas ao anoitecer. E a democracia, em vez de lhes dar pão, dá-lhes baionetas... ou o canto de um beco para morrer de fome sem protestar.

JORNALISTA

(com um sorriso) Ah! o senhor vai mais longe do que eu cuidava! Também assim penso! Estamos absolutamente de acordo. Mas isso ainda vem longe, muito longe! Lá chegaremos, todavia. Pouco a pouco lá chegaremos. Presentemente vamos-nos contentando com menos, que é mais sensato... Mas é o que me